

IL agarrou diplomados e jovens, que largaram o Chega

PS continua preso aos mais velhos, a AD ganhou entre os mais qualificados

Texto **DAVID DINIS**
Infografia **SOFIA MIGUEL ROSA**

Quase metade dos que votaram nas eleições europeias têm educação superior: 47%, mostra a sondagem realizada pelo ICS e ISCTE para o Expresso e SIC na noite eleitoral. Trata-se de um valor significativamente mais alto do que tinha acontecido três meses antes, nas eleições legislativas (quando eram cerca de um terço), comprovando que a escolha dos eurodeputados chama às urnas sobretudo os mais qualificados. Curiosamente, se em eleições com maior abstenção se associa muitas vezes o voto aos mais velhos, não foi isso que se verificou a 9 de junho.

Certo é que a forte participação dos mais qualificados ajudou a IL a crescer para lá dos 9% de votos e a colar-se ao Chega. É que o partido representado nas europeias pelo ex-líder, Cotrim Figueiredo, teve 13% dos votos desta fatia de eleitores, face a apenas 7% do partido de André Ventura. O eleitor tipo da IL, versão Cotrim, é exatamente esse: 69% tem um curso superior na mão, um valor só aproximado ao do Livre e, um pouco mais à distância, ao do BE (60%).

21% dos que votaram decidiram apenas na última semana, um valor idêntico ao das legislativas

O Chega segue no caminho inverso: tal como foi nas legislativas, revelou-se bastante mais forte entre os que têm menos instrução — obteve 12% dos votos desses eleitores (contra 5% que os liberais alcançaram). Acontece que a participação geral dos eleitores com ensino secundário agora desceu (de 41% para 38%); e a dos que não o completaram diminuiu mais ainda: apenas 15%, nove pontos percentuais menos do que em março.

Quem também beneficiou da mais ampla votação dos licenciados (ou mestrados, ou doutorados) foi a AD, que recolhe mais votos neste segmento sociodemográfico: um em cada três votou na lista liderada por Sebastião Bugalho, sete pontos acima dos que votaram no PS. Tal como no caso do Chega, a menor participação eleitoral dos que têm secundário ou menos prejudicou Marta Temido (que chegou aos 39% destes eleitores, 11 mais do que a AD).

Como o PS ganhou (à tangente)

Mesmo assim, essa vantagem foi suficiente para a vitória dos socialistas. Talvez outros dados sociodemográficos recolhidos pelo ICS e ISCTE ajudem a explicar: o PS é mais forte entre as mulheres (teve 35% do voto delas, três pontos mais do que Bugalho) e nas europeias votaram ainda mais mulheres do que homens, 54%, (eram 51% nas legislativas). Acresce que, tal como em março, os mais velhos foram decisivos na vantagem: 48% votaram PS (precisamente como nas legislativas), só 31% na AD (um ligeiro crescimento em três meses). Vale a pena anotar: os mais velhos votaram, em proporção, ligeiramente mais do que nas legislativas: 24% da totalidade dos eleitores.

De resto, como anota nesta página o coordenador do estudo,

Pedro Magalhães (ver texto pág. 36), há "uma clara clivagem etária entre os eleitores, especialmente marcada no contraste entre, por um lado, o PS e a CDU" (com eleitorado mais velho) "e, por outro lado, a IL" (sobe oito pontos neste segmento, para 19% tornando-se no segundo partido mais escolhido até aos 35 anos a seguir à AD). Mas também o Livre confirma a popularidade entre estes eleitores, crescendo proporcionalmente face às legislativas.

A esquerda tradicional está no polo oposto, sendo menos forte entre os mais novos (Temido ganhou apenas dois pontos à percentagem conquistada por Pedro Nuno, ao passo que a CDU tem o dobro dos votos entre os mais velhos).

Jovens trocaram Chega por IL

Quer isto também dizer que, se em alguns países da União Europeia, os jovens foram decisivos para a ascensão da direita radical, em Portugal isso não se verificou: o candidato Tânger Corrêa obteve apenas 10% desses votos, bem abaixo dos 15% do PS (que volta a ter uma crise de juventude), dos 19% da IL — e mesmo a par dos 9% do Livre. Relativamente às legislativas, o Chega é confrontado com um tombo enorme, menos 15 pontos percentuais do que os que deram antes o voto a Ventura, passando de segundo partido com mais votos entre a juventude para quarto.

Olhando apenas para quem vota no Chega, resulta de novo claro que se trata de um partido de meia-idade: 63% dos seus votos são atribuídos pelos que têm entre 35 e 64 anos. Sem surpresa é também masculino (63%) e de instrução média (50%).

Já a AD, explica Pedro Magalhães, mantém-se como "o único partido histórico que ainda consegue manter um desempenho junto dos mais jovens não muito distante do que obtém junto da generalidade dos eleitores". Equilibrado, portanto.

O que parece ter vindo para ficar é a tendência para muitos eleitores decidirem o seu voto à última hora: nestas eleições europeias foram

O Livre ganhou mais espaço entre os que têm menos de 35 anos, quase igualando o Chega

21%, um valor a par dos indecisos antes do início da campanha oficial das legislativas. Curiosamente, o número sobe para 30% entre os mais jovens.

Quem mais ganhou com o voto de última hora foi o PS (captou 28% destes votos), acima da AD (26%), o que serviu para consolidar a ligeira vantagem que tinha no voto decidido antes da última semana face à AD, que era também de dois pontos. Na linha da frente, portanto, a reta final da campanha não mudou nada.

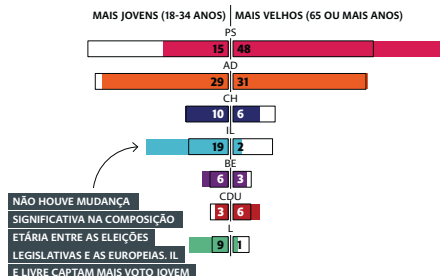
Na luta pelo terceiro lugar não foi o mesmo: antes da última semana, o Chega ia na frente (11% dos já decididos, face a 8% dos liberais). Mas Cotrim foi muito mais forte na reta da meta, conseguindo 13% dos indecisos, contra apenas 7% de Tânger Corrêa — tantos quantos escolheram nessa altura votar no Livre. As sondagens que indicavam o Chega em queda nos últimos dias estavam, portanto, corretas.

ddinis@expresso.imprensa.pt

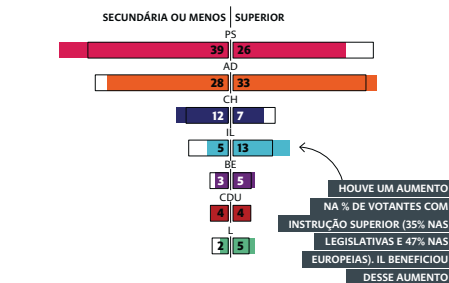
Como votaram diferentes grupos

Em comparação com o resultado total de cada partido no continente. Nas eleições para o Parlamento Europeu (9 de junho de 2024)

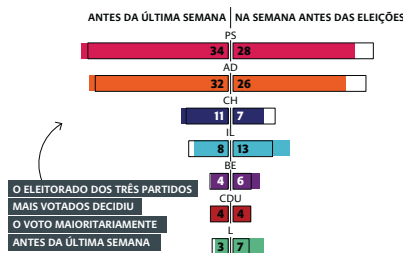
GRUPOS ETÁRIOS



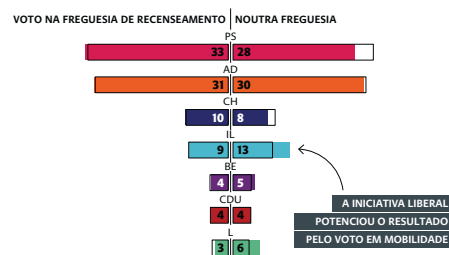
INSTRUÇÃO DOS VOTANTES



MOMENTO DA DECISÃO ELEITORAL



VOTO EM MOBILIDADE



FICHA TÉCNICA

Sondagem cujo trabalho de campo decorreu durante o dia 9 de junho de 2024. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos que votaram nas eleições europeias em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados aleatoriamente à saída de 20 locais de voto de 11 freguesias de Portugal Continental. As freguesias foram selecionadas aleatoriamente dentro de estratos definidos por região NUTSII e dimensão da freguesia, de forma a que no seu conjunto os seus resultados eleitorais reproduzissem os verificados no país ao longo das últimas eleições nacionais. Em cada freguesia, a amostra foi selecionada aleatoriamente tendo por base a utilização de um intervalo sistemático. A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal recorrendo a boletim de voto, que cada inquirido colocava posteriormente numa urna. Foram recolhidos 8673 boletins de voto. O trabalho de campo foi realizado por 82 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com os resultados das eleições europeias de 2024 no continente. A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 8673 inquiridos é de +/-1%, com um nível de confiança de 95%. Todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%.